

LETICIA WIERZCHOWSKI

A Brasil Telecom
viabiliza e produz
projetos culturais em
todo o Brasil.
E o Distrito Federal
também é palco de
grandes espetáculos.

 Brasil Telecom

MAIOR DO QUE QUALQUER FICÇÃO

Zuleika de Souza/CB



Cheguei a Brasília em busca de uma história. Grandes avenidas, a cidade de braços abertos, um avião desenhado no solo do planalto, os prédios elegantes e os prédios corajosos — e eu em busca de uma história para contar. Um enredo. Ficção. Pensei em narrar a epopéia de um candango, uma das 5 mil almas que desbravaram o cerrado, construindo ali o futuro. Abrindo o mato a facão, comendo na beira das picadas de terra vermelha, chafurdando na lama quando chovia, respirando pó quando fazia sol. Uma saga, eu gosto disso.

E então, em Brasília, já imaginando meus personagens, o *Correio Brasileiro* mandou um jornalista para me apresentar a cidade. Entramos no carro e saímos para a vida; enquanto seguíamos pelo Eixo Monumental, enquanto me era explicada a lógica das quadras, das ruas, dos números, perguntei a meu acompanhante se ele era de Brasília. A resposta surpreendeu-me: ele não apenas era brasileiro, mas neto de Bernardo Sayão, um dos homens que fez este lugar. Fez mesmo, com as próprias mãos. E aí, imaginem, a ficção morreu naquele instante.

Que ficção poderia ser maior do que a vida própria? Tirei meus olhos da rua e mergulhei na história. Bernardo Sayão fez a Belém-Brasília; era um homem bonito, corajoso, que morreu a trinta quilômetros de ver o seu sonho realizado, colocando Brasília de luto, todos aqueles candangos que tinham feito milagres ao lado de Sayão. Uma personalidade que dava para um livro inteiro. Então perguntei sobre a esposa de Bernardo Sayão, e ouvi da mulher que o acompanhara por este Brasil adentro — por amor, mas com a coragem que só uma criatura de fibra haveria de ter. Dona Hilda Sayão, era o nome dela, e eu encontrei então a personagem deste texto.

Hilda era amazonense; vivia no Rio desde a adolescência, e trabalhava no Ministério da Agricultura quando conheceu Bernardo, viúvo e com duas filhas. Ela tinha então 25 anos, um rosto alegre e um sorriso bonito. A família achava que Hilda ia ficar para tia; mas aí, numa tarde qualquer, era o ano de 1940, mandaram chamar Bernardo Sayão para uma reunião no ministério, num departamento que ficava em Niterói. Getúlio Vargas queria fundar uma colônia agrícola no cerrado, e o engenheiro Sayão era o homem ideal para a coisa. Ideal, e com cara de galã de cinema: ele passou pela sala que Hilda ocupava como secretária, e ela quase desfaleceu atrás da sua escrivaninha. Disse a vida inteira que nunca tinha visto homem tão bonito, e que depois não podia se concentrar no trabalho de jeito nenhum. Bernardo fez sua reunião e, na saída, para espanto de Hilda, aproximou-se da sua mesa e puxou assunto. Foi a primeira de muitas conversas. Namoraram durante meses enquanto faziam a viagem na balsa Rio-Niterói e, enfim, casaram em 41.

Depois do casamento, foram para Goiás, onde Bernardo fundaria a colônia de Ceres. Hilda espantou-se muito quando chegou no meio do nada para viver numa casinha sem janelas. Para a moça, aquilo era o fim do mundo, mas Bernardo adorava. Aquilo, para ele, era o futuro. Enquanto Sayão construía a colônia, plantava

e abria picadas, Hilda tocava piano — levou para o cerrado o seu piano, e com ele enchia suas horas. O primeiro filho não demorou: Fernando nasceu em 42, na cidade de Anápolis. Bernardo, o segundo menino, nasceu em 44, em Jaraguá. Lia (que foi quem me contou esta história), já nasceu em Ceres, com a vila pronta e produzindo. Vi as fotos da família numa casinha branca no alto de um morro, no meio do mato — Hilda sempre sorridente, os olhos perdidos na figura do marido, as crianças brincando. Também em Ceres nasceu a última filha, Lilian. Nessas andanças todas, Hilda levava as crianças e o piano para onde quer que Bernardo fosse. E lá se iam eles, atravessando as matas, comendo em acampamentos, uma vida nômade, cheia de dificuldades, sem luxo nenhum a não ser o silêncio e o verde.

Em 1950, Bernardo viveu um revés e seguiu para o Rio de Janeiro com a família, abandonando a sua tão amada Ceres por causa de uma ponte que ele queria construir sobre o Rio das Almas — mas isso é outro assunto. Desgostoso, foi para a fazenda que tinha em Miguel Pereira. Hilda e os filhos também foram. Era uma vida agitada: de 52 a 56 a família Sayão e seu piano mudariam-se outras tantas vezes, até que Bernardo, então vice-governador de Goiás, foi chamado por Juscelino para ajudar a erguer Brasília e traçar suas estradas. Mais uma vez, Hilda fez as malas e seguiu com os filhos atrás do marido. Foram 48 dias para vencer a picada de chão batido, acampando à noite, ouvindo até miado de onça — e o piano lá, quietinho, embalado num lençol, esperando sua nova casa, esperando para fazer música. Em 1957, a família foi viver na Candangolândia numa casinha de madeira.

Então o tempo passou, então a estrada foi aberta e começou a se estender pelo cerrado e pela mata amazônica, a estrada sonhada tão ardentemente pelo homem "que fendeu o Brasil em dois", segundo Antonio Callado. Foi em 59, quando as duas frentes da Belém-Brasília estavam para se encontrar, que um galho gigantesco caiu de uma das árvores da floresta sobre a barraca onde Bernardo trabalhava. Estavam no meio do nada, mas seus homens conseguiram ajuda, e Sayão, agonizante, foi levado de helicóptero até o hospital. Ele morreu no meio

do caminho, sem um ai, enquanto, na cidade, sua esposa e os filhos se preparavam para ir ao cinema. A notícia correu de boca em boca, atravessando o cerrado como vento, mas ninguém ousou contar nada a dona Hilda.

Enfim, somente pela manhã contaram a Hilda o sucedido. Enquanto Sayão era velado, os operários abriram uma estrada da Igrejinha até o cemitério, que o próprio Bernardo tinha traçado, e que acabou inaugurando por um destes mistérios do destino. Brasília parou inteirinha naquele dia. E dona Hilda nunca mais tocou seu piano, que acabou emudecendo. Também nunca mais saiu de Brasília — aquela cidade era o sonho do marido, e ali Hilda ficou e criou os seus filhos. E os filhos dos seus filhos. Faleceu em 2001, e foi enterrada junto de Sayão na quadra inaugural do cemitério. Então, depois de tudo, o que me tocou foi o seguinte: mais do que de prédios e avenidas, é de coragens como esta que Brasília é feita.

(QUEM É)

A escritora gaúcha Leticia Wierzchowski, 32 anos, ficou conhecida nacionalmente depois do sucesso da minissérie da TV Globo *A casa das sete mulheres*, adaptada de seu romance homônimo. Uma continuação da saga, *Um farol no pampa* (Record), foi lançada ano passado. Autora de mais quatro romances, Leticia se define como "uma contadora de histórias". Escreve neste momento a história do avô, um polônes que fez fortuna no sul do país.